

revista portuguesa de arqueologia

vol. **16**

2013

Índice

- 05–26 **Teorías y métodos de la arqueología cognitiva**
Ángel Rivera Arrizabalaga
- 27–61 **O sítio do Neolítico Antigo de Cortiçóis (Almeirim, Santarém)**
João Luís Cardoso, António Faustino Carvalho & Juan Francisco Gibaja Bao
- 63–79 **Perscrutando espólios antigos: a anta de Sobreira 1 (Elvas)**
Rui Boaventura, Maria Teresa Ferreira & Ana Maria Silva
- 81–101 **Entre mortos e vivos: nótulas acerca da cronologia absoluta do Megalitismo do Sul de Portugal**
Rui Boaventura & Rui Mataloto
- 103–131 **Zambujal (Torres Vedras, Lisboa): relatório sobre as escavações de 2002**
Michael Kunst, Elena Morán & Rui Parreira
- 133–135 **Magnetic prospecting at Zambujal in 2001: a test for archaeological prospection**
Helmut Becker
- 137–141 **Some notes on a small collection of faunal remains from Zambujal**
Simon Davis
- 143–147 **Datações ¹⁴C do Casal do Zambujal**
Jochen Görtsdorf
- 149–165 **A Idade do Ferro no concelho da Amadora**
Elisa de Sousa
- 167–185 **Ocupação sidérica na área envolvente do teatro romano de Lisboa: o Pátio do Aljube**
Lídia Fernandes, João Pimenta, Marco Calado & Victor Filipe
- 187–212 **Crónica de onomástica paleo-hispânica (20)**
António Marques de Faria
- 213–226 **A fauna da Idade do Ferro e da Época Romana de Monte Molião (Lagos, Algarve): continuidades e rupturas na dieta alimentar**
Cleia Detry & Ana Margarida Arruda
- 227–242 **La emisión RRC 469 de Cneo Pompeyo hijo**
Luis Amela Valverde
- 243–275 **Uma necrópole na praia:
o cemitério romano do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Lisboa)**
Jacinta Bugalhão, Ana Margarida Arruda, Elisa de Sousa & Cidália Duarte
- 277–292 **As lucernas do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisboa**
Carolina Grilo
- 293–302 **Apostilas epigráficas – 3**
José d'Encarnação
- 303–321 **Os mausoléus da villa romana de Pisões: a morte no mundo rural romano**
Carlos Pereira, António M. Monge Soares & Rui Monge Soares
- 323–350 **A diarquia sueva: sociedade e poder no regnum dos Quados ocidentais e no Regnum Suevorum (358–585 d.C.)**
José Galazak
- 351–367 **Faiança portuguesa: datação e evolução crono-estilística**
Tânia Manuel Casimiro
- 369–381 **Fortificação, espaço conventual, saneamento e circulação na Idade Moderna em Almeida (Guarda): resultados de intervenções arqueológicas**
André Teixeira, Teresa Costa & Luís Serrão Gil
- 383–392 **Os cachimbos cerâmicos do Palácio Marialva**
Marco Calado, João Pimenta, Lídia Fernandes & António Marques

Fortificação, espaço conventual, saneamento e circulação na Idade Moderna em Almeida (Guarda): resultados de intervenções arqueológicas

* Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores.
** Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores.
** Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores.

André Teixeira*
Teresa Costa**
Luís Serrão Gil**

Resumo Entre 2007 e 2012 realizaram-se cinco intervenções arqueológicas na praça-forte de Almeida, no âmbito da minimização de impactos de obras públicas da responsabilidade da Câmara Municipal de Almeida. Não obstante a limitação dos trabalhos realizados, estes permitiram obter novos dados sobre a história de Almeida na Época Moderna, nomeadamente acerca da estrutura militar, do convento das freiras de Nossa Senhora do Loreto, de contextos habitacionais, do saneamento da vila e das vias de circulação no seu entorno.

Abstract From 2007 until 2012 there were five archaeological interventions in the stronghold of Almeida, under the minimization of impacts of public works responsibility of Almeida Municipality. Despite the limitation of the work, it enabled new data over the history of Almeida from 17th to 19th centuries, especially referring to the military structure, *Nossa Senhora do Loreto* convent, housing contexts, sanitation of the village and traffic routes in their surroundings.

1. Introdução

O presente texto resulta de trabalhos arqueológicos desenvolvidos entre 2007 e 2012, no âmbito da minimização de impactos de obras públicas da responsabilidade da Câmara Municipal de Almeida. Foram dirigidas por dois dos signatários (A.T. e T.C.) e contaram com a presença do outro co-autor deste texto, além dos arqueólogos Régis Barbosa e Ana Braz¹.

Incidiram no interior ou nas imediações próximas da praça-forte seiscentista, um complexo sistema defensivo erguido na sequência da Restauração de 1640, permanentemente atualizado ao longo da Idade Moderna e que encerra, ainda hoje, o centro histórico desta vila raiana (Fig. 1).

A primeira intervenção decorreu em 2007 na designada Porta Nova, abertura realizada na cortina da praça-forte pela Direção

Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais nos inícios da década de 1980. Os trabalhos visaram modificar a fisionomia deste acesso à vila, nomeadamente a sua moldura em betão, acarretando igualmente a realização de uma vala na extensão da porta para introdução de iluminação.

A intervenção arqueológica no Baluarte de São João de Deus, um dos que compõe a cerca moderna principal da vila, decorreu nos meses de Novembro e Dezembro de 2008. Consistiu na execução de valas para passagem das várias infra-estruturas necessária à adaptação a Museu Histórico e Militar de Almeida. Foram efectuadas quatro valas no pátio central com um máximo de 1 m de profundidade e largura oscilando entre 0,6 m e 2,8 m, paralelas às respectivas paredes, notando-se claros indícios de perturbações recentes no subsolo. No corredor de acesso a partir da entrada fez-se uma abertura longitudinal com cerca de 1 m de largura e profundidade, removendo-se as pequenas pedras de calçada que o cobriam, também elas com notórios revolvimentos contemporâneos. Nas diversas salas que rodeiam o corredor de acesso e o pátio central, as denominadas “casamatas”, foram levantadas as lajes de granito que serviam de piso, com uma tipologia idêntica às que compõem as paredes da fortificação; escavaram-se valas com cerca de 0,6 m de largura e 0,4 m a 1 m de profundidade, verificando-se genericamente a sua inviolabilidade ao longo dos séculos.

Os trabalhos efectuados no Largo 25 de Abril decorreram em 2010 e constaram da abertura de numerosas valas para passagem de infra-estruturas de água e electricidade, com 0,6 m a 3 m de largura e 0,4 m a 2,4 m de altura. Trata-se da praça exterior às Portas de São Francisco, um dos acessos históricos à vila, composto entre 1661 e 1676 por Pierre Garsin, incluindo na verdade esta protecção externa e outra semelhante interna, ao tempo unidas através de uma ponte de madeira e outra levadiça (Campos, 2009, p. 226). Os trabalhos arqueológicos prolongaram-se para sul deste largo até afunilar na Estrada

da Guerreira, que conduz ao rio Côa.

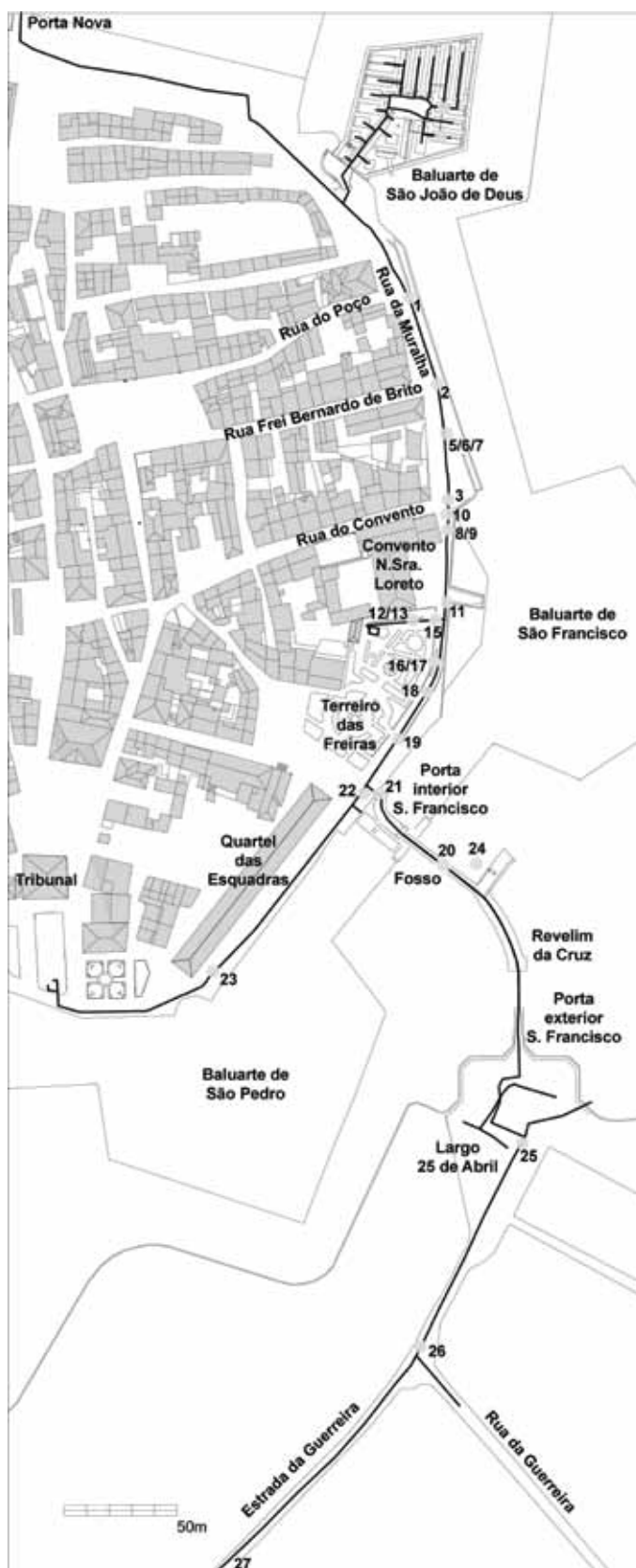
Quanto ao projecto de renovação da Baixa de Almeida, concretizado em 2011, compreendeu a reformulação de várias infra-estruturas, nomeadamente a alteração das redes de média e baixa tensão e a execução das redes de gás, de rega e de telecomunicações. Consistiu na abertura de uma vala desde a referida Porta Nova até ao posto de transformação no terreiro junto à fachada sul do Tribunal, a antiga casa dos governadores da praça (cerca de 510 m de extensão), passando pela rua circular interior Este das muralhas (Rua da Muralha); seguiu, assim, junto ao antigo convento de Nossa Senhora do Loreto, ao Quartel das Esquadras, às Portas interiores de São Francisco e ao Terreiro das Freiras (hoje jardim público), espaços marcantes da praça-forte durante a época moderna. A intervenção abrangeu igualmente a execução de uma vala ligando os referidos Largo 25 de Abril e Terreiro das Freiras (152 m de comprimento), percorrendo todo o acesso meridional à vila através das Portas de São Francisco. Acrescente-se, finalmente, a abertura de um posto de transformação provisório no subsolo do jardim público. A largura média das valas foi de 1,6 m e a profundidade de 1,5 m, sendo estas dimensões condicionadas pelos vestígios detectados.

Finalmente, realizou-se em 2012 o acompanhamento da execução de um troço da ciclovia de Almeida, percurso com 3,3 m de largura implantado em torno da praça-forte. Os trabalhos incidiram na parte do traçado entre as Portas interior e exterior de São Francisco, trajecto enquadrado pelo fosso da fortaleza, passando sob a ponte que dá acesso à vila, junto à face Norte do revelim da Cruz, parte integrante da segunda cortina que protege a praça-forte.

Estas intervenções arqueológicas permitiram obter novos dados sobre a história de Almeida na época moderna, nomeadamente acerca da estrutura militar, do convento das freiras de Nossa Senhora do Loreto, de contextos habitacionais e do saneamento público da vila.

¹ Agradecemos a cedência das plantas ao Arq. João Marujo e a georeferenciação dos achados ao Eng. topógrafo António Almeida, ambos da Câmara Municipal de Almeida. O tratamento informático dos desenhos foi realizado por Paula Gésero, Luís Serrão Gil e Régis Barbosa.

Fig. 1 – A vila de Almeida com indicação das valas abertas e estruturas identificadas.



2.O saneamento da praça-forte

O acompanhamento arqueológico da renovação da Baixa de Almeida permitiu identificar diversos elementos que compunham a rede de saneamento da praça-forte, certamente construída em época moderna, visto articular-se intimamente com as estruturas defensivas e com o desenho de quarteirões e espaço público da vila (estruturas 1, 2, 3, 8-9, 11, 15 e 22; Figs. 1 e 5). A rede servia certamente para a drenagem pluvial do espaço intra-muros, mas não se pode excluir que funcionasse também como colector dos dejectos urbanos. No final do século XVIII registou-se precisamente essa solução de associar os esgotos das latrinas às condutas das águas da praça em “canos cobertos”, considerando-se porém que esta era uma experiência a abandonar, visto causar entupimentos e deposições prejudiciais no fosso (Quinta, 2008, p. 160).

Estes achados foram localizados na rua circular interior da praça-forte (Rua da Muralha), junto e perpendicularmente à cortina Este da fortificação. Verificou-se que foram implantados no enfiamento das ruas com orientação Oeste-Este que compõe esta parte da vila e cuja formação se atribui ao período entre o século XVI e meados da centúria seguinte (Conceição, 2002, pp. 69-71). Assim, o troço do sistema de drenagem na continuação da Rua do Poço denominou-se por estrutura 1, o situado na continuação da Rua Frei Bernardo de Brito por estrutura 2, o localizado na extremidade da Rua do Convento

por estrutura 3 e o detectado no antigo Terreiro das Freiras por estrutura 22 (Figs. 1 e 2). Estas condutas integrariam o sistema de drenagem para o exterior do núcleo urbano, escoando directamente para o fosso da praça-forte a partir das canalizações que desciam por aquelas ruas e depois de percorrerem um trajecto sob a cortina principal da fortificação.

O tipo de estruturas reveladas é bastante simples, sendo constituídas por lajes paralelepípedicas de granito de dimensão variável e ligante de argamassa amarela. Eram compostas por uma base na qual escorreriam as águas ou saneamento, paredes laterais formadas geralmente por duas fiadas de lajes colocadas na vertical e cobertura de pedras do mesmo tipo dispostas na largura do colector com marcas reentrantes do talhe nas arestas; as juntas eram preenchidas com elementos pétreos de pequena dimensão (Fig. 3).

A estrutura 2 distingue-se das restantes pela sua dimensão claramente superior e pela orientação paralela à muralha: tem aparelho regular de blocos paralelepípedicos, embora com apenas três faces afeiçãoadas, notando-se uma composição de secção piramidal de base particularmente reforçada. Poderá ter constituído um colector de maiores dimensões, eventualmente ligado a uma rede de saneamento mais densa, observando-se também neste caso o orifício exterior de drenagem para o fosso, numa pendente de aproximadamente 8 m.

A sequência estratigráfica junto a estas estruturas integrava a calçada actual de circulação sobre camada de areia solta, um nível de sedimento castanho argiloso semicompacto com pequenas pedras, um estrato castanho claro areno-argiloso de média compactação com mais pedras e escassos elementos de cerâmica de construção e, finalmente, uma camada castanha mais clara areno-argilosa e semi-compacta sobre o afloramento em decomposição. A informação é escassa neste domínio, mas neste último estrato junto à estrutura 1 foi recolhido um

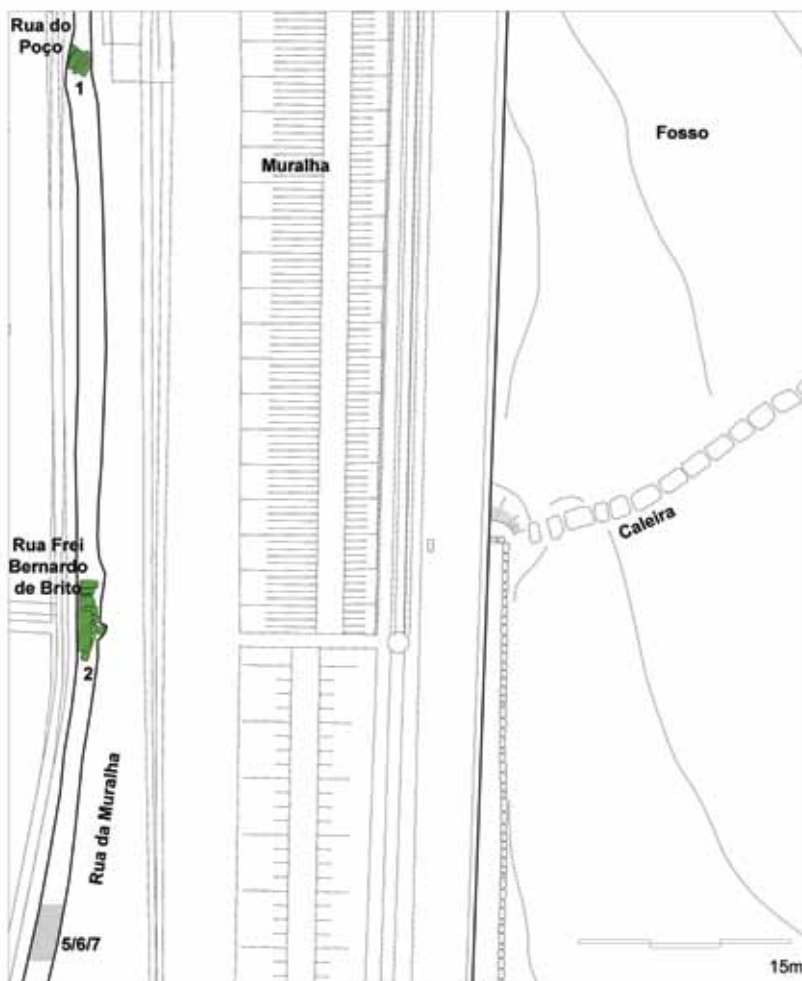


Fig. 2 – Pormenor da implantação das estruturas 1, 2 e 5.



Fig. 3 – Estrutura 1, exemplo de uma das estruturas de saneamento.

bordo de prato de faiança com pasta amarela bem depurada, com desengordurantes finíssimos, e revestimento pouco espesso de esmalte branco nas superfícies com decoração em azul, do século XVIII (Fig. 4 , n.º 4).

O saneamento das vilas e cidades modernas é um tema pouco abordado pela história e

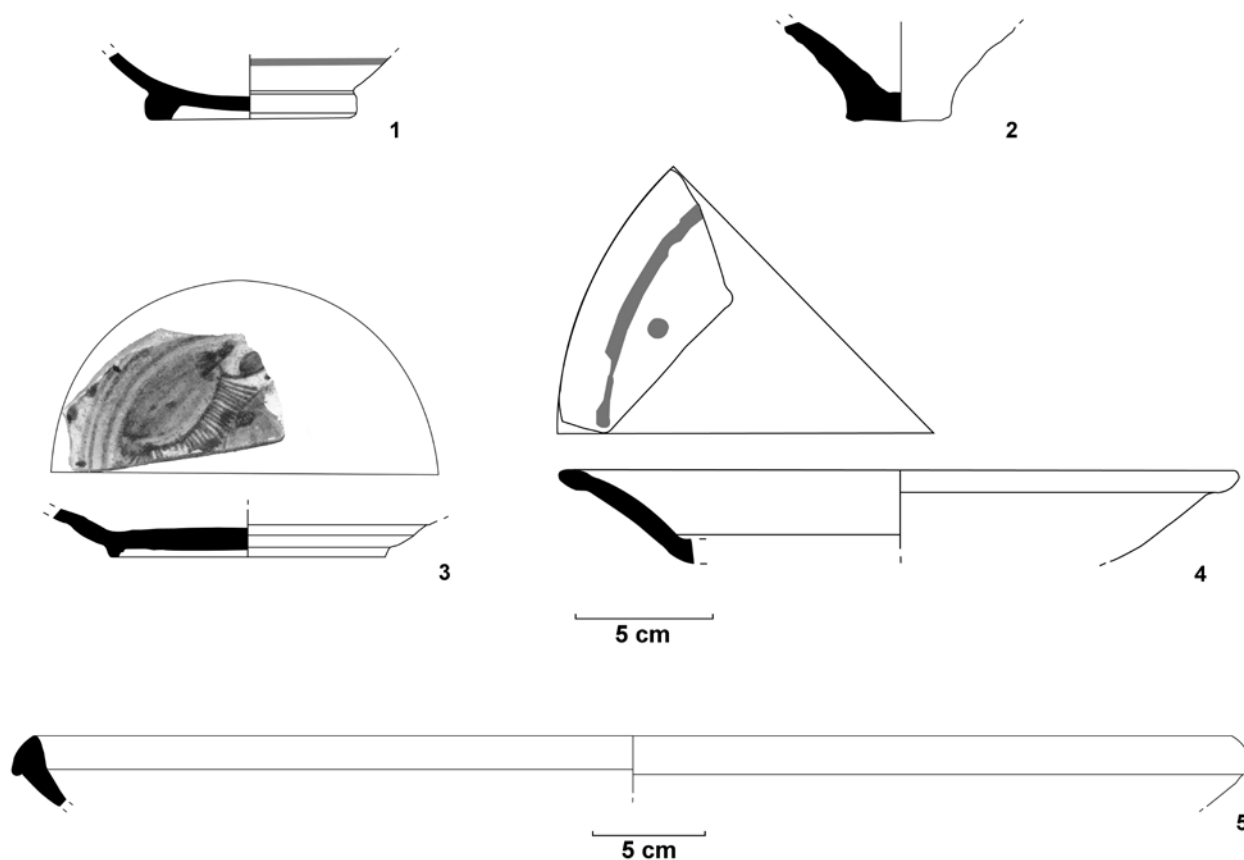


Fig. 4 – Espólio arqueológico exumado nas intervenções.

pela arqueologia, dada a sua relativa invisibilidade nas fontes escritas e materiais. É sabido que a partir do século XV foi promulgada uma série de legislação visando incrementar a higiene e estética urbana, com o calçamento de ruas e encanamento de esgotos. Após a Restauração, os engenheiros militares foram encarregues de redesenhar numerosos aglomerados, incluindo a componente militar, o traçado urbano, os equipamentos públicos e as obras hidráulicas, como as que aqui referimos (Rossa, 1995, pp. 261, 273). A arqueologia preventiva tem fornecido dados sobre o assunto, embora geralmente resultando informação parcelar e com limitado alcance de estudo. Cite-se a propósito o caso de Elvas, onde trabalhos de um de nós permitiram localizar elementos da canalização pública desta outra grande praça de guerra seiscentista, embora com antecedentes medievais, nomeadamente um troço do “caneiro real” com 0,70 m de altura e 1,10 m de largura, entre outras estruturas

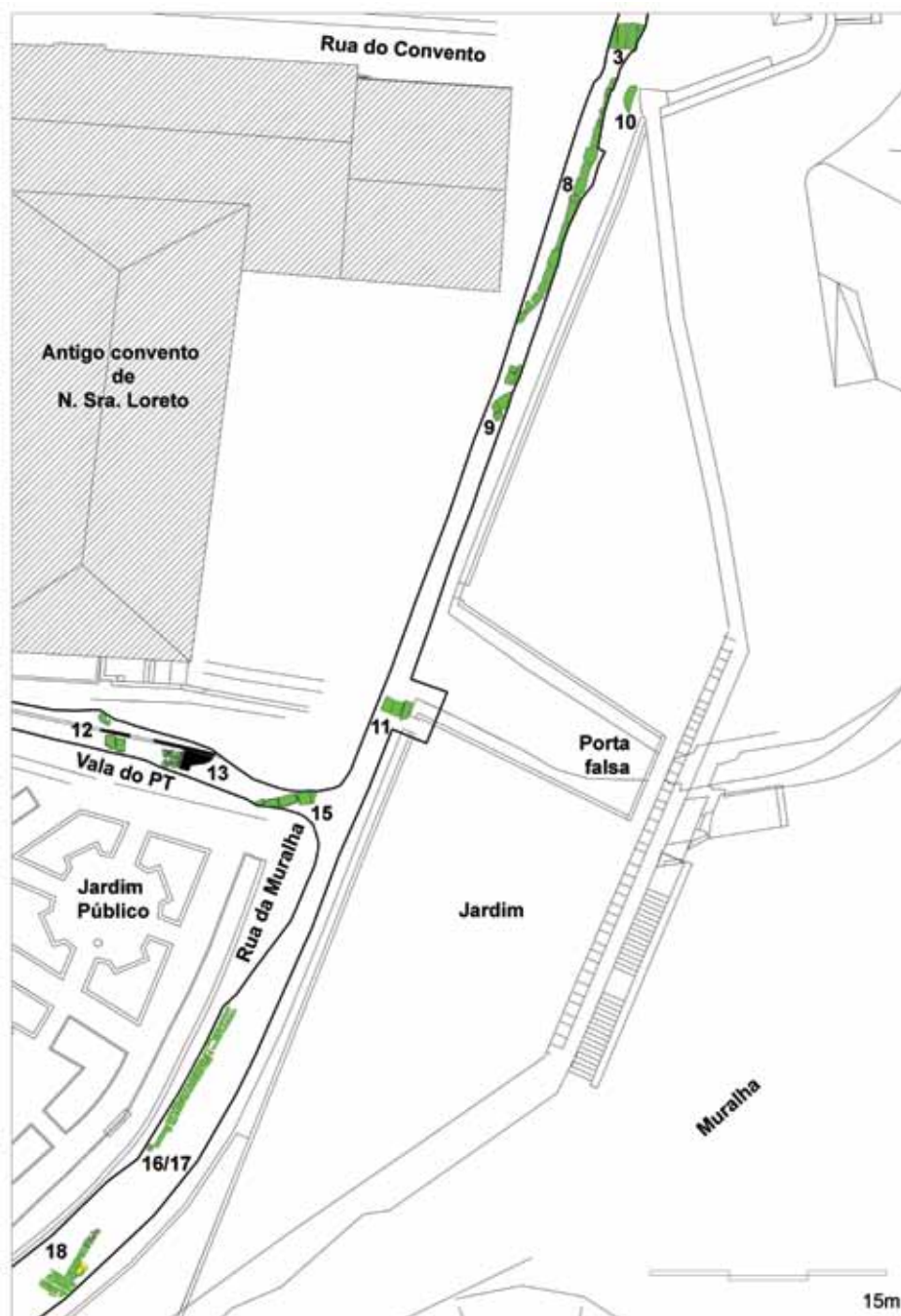
menores (Costa & *alii*, 2012, pp. 189–200). Também em Lisboa se reconheceram, em trabalhos arqueológicos efectuados recentemente, vestígios de canalizações sob as principais ruas da Baixa, que permitiam a drenagem de águas até ao Terreiro do Paço e ao rio Tejo². Outras estruturas de saneamento deste tipo reconhecidas em Almeida podem ser associadas ao antigo convento de Nossa Senhora do Loreto, das Freiras Terceiras Regulares de São Francisco, erguido em meados do século XVI junto ao que era um dos principais acessos à vila, a partir de sul (Fig. 5). Trata-se de uma realidade com amplo paralelo em Portugal e um pouco por toda a Europa, visto que, no caso dos conjuntos monásticos, conhecem-se com algum detalhe sistemas de drenagem de águas limpas e sujas mais ou menos complexos, incluindo muitas vezes as próprias cercas e a respectiva componente de produção alimentar (Mascarenhas & *alii*, 1996). Assim, a estrutura 8 tinha uma orientação sensivelmente transversal à muralha Este da pra-

² Informação oral de César Augusto Neves, que agradecemos.

ça-forte, desenvolvendo-se ao longo de 16 m de comprimento com um aparelho construtivo próximo ao dos restantes, embora de menor dimensão e mais irregular. Como o seu curso deixa interpretar, ligaria a área central do convento à parte exterior da muralha, cruzando-se com a conduta da estrutura 3, acima referida. O conjunto de grandes blocos pétreos correspondente à estrutura 9 era outro canal de saneamento desta área do convento.

Já mais a sul detectaram-se outras duas estruturas de saneamento com orientação Oeste-Este no espaço da cerca conventual, embora próximo de antigas construções, como adiante se verá. A estrutura 11 junto à denominada Porta Falsa da fortificação e a estrutura 15 localizada na intercepção da vala do PT (Posto de Transformação) com a vala da Rua da Muralha. A sua composição é em tudo idêntica às estruturas 1 e 3 acima referidas. Os achados revelam uma rede de saneamento relativamente complexa, visando proporcionar um quotidiano cómodo aos habitantes da maior área construída existente no interior da praça.

Ainda no domínio das questões de saneamento urbano, mas desta feita intimamente relacionada com a estrutura militar, refiram-se os achados arqueológicos detectados na intervenção do Baluarte de São João de Deus. Situado a Nordeste do sistema defensivo, este elemento da arquitectura militar terá sido um dos primeiros a ser erguido aquando da construção



da cortina abaluartada principal da vila, a partir de meados do século XVII. Foi reforçado na campanha de 1736–1749 com a construção no seu interior das denominadas “casamatas”, salas subterrâneas abobadadas à prova de bomba dispostas em torno de um pátio central, para refúgio da população em caso de ataque; esta obra decorreu simultaneamente do reforço do sistema defensivo da praça, quan-

Fig. 5 – Pormenor da implantação de estruturas no antigo convento de Nossa Senhora do Loreto (3, 8/9, 10, 11, 12, 13, 15, 16/17 e 18).



Fig. 6 – Baluarte de São João de Deus, com indicação das salas onde se detectaram vestígios arqueológicos.

Fig. 7 – Estrutura de saneamento registada na sala 13 do Baluarte de São João de Deus.

do se ergueram as principais obras exteriores, sendo concluída apenas no final desta centúria (Conceição, 2002, p. 87; Quinta, 2008, pp. 71–78, 139).

O acompanhamento arqueológico aqui realizado permitiu verificar que esta estrutura militar foi construída na sua maioria sobre o nível geológico, ora afeiçoado, ora parcialmente aterrado para nivelamento, em terreno aparentemente virgem, não se detectando qualquer vestígio de ocupação preexistente. As coberturas lajeadas das salas assentavam sobre uma camada de argamassa amarela muito compacta, seguindo-se outra de matriz argi-

losa castanha-avermelhada compacta, ambas estéreis arqueologicamente e assentando no substrato granítico em desagregação (Fig. 6).

Verificaram-se alterações arquitectónicas em algumas salas do baluarte, certamente em época posterior à edificação primordial mas em data não alcançável, nomeadamente o alteamento dos pavimentos, de que são exemplo as salas 11, 13A e 13B. Refira-se que na sala 6, designada na tradição oral como “sala dos silos”, os trabalhos indicam uma eventual utilização como armazém de provisões alimentares a um nível térreo, não se vislumbrando as estruturas subterrâneas com esta função observadas em fortificações de épocas mais recuadas.

Nos trabalhos realizados no baluarte de São João de Deus detectaram-se estruturas do mesmo tipo das anteriormente referidas, relacionadas com o saneamento e drenagem pluvial do baluarte. Na escavação da sala 13 identificou-se uma conduta hidráulica, sobre a qual assentava o piso de lajes graníticas. Apresentava estruturalmente duas fiadas de pedras nas paredes da canalização, coberta por lajes únicas com aproximadamente 1,8 m de comprimento, cujas arestas de contacto apresentavam o perfil denteado. Os interstícios entre as lajes do topo estavam preenchidos por pequenas pedras e argamassa amarela clara muito compacta (Fig. 7).

A escavação da vala, com profundidade média de 0,80 m, revelou terras castanhas escuras semicompactas, estéreis arqueologicamente. Já na base da sala 13B detectou-se um alinhamento de lajes, uma das quais facetada e com 1,2 m de comprimento, possivelmente relacionadas com a continuação daquela conduta de água.

Esta estrutura hidráulica é continuação subterrânea de uma outra existente à superfície no pátio central do baluarte, com o mesmo tipo de aparelho e método construtivo, partindo de um tanque que recolhe as águas das coberturas e do solo (Quinta, 2008, p. 71). Este canal de drenagem pluvial de grande dimensão prosseguia certamente para NE, até uma abertura visível no vértice exterior do baluarte junto ao nível inferior do fosso, servindo ainda hoje a funcionalidade para que foi gizado.

Já na sala 15A detectou-se um canal constituído pelo afeiçãoamento do afloramento rochoso e estruturado por elementos pétreos, preenchido por terras queimadas, oblíquo face à planta sala. Poderá também relacionar-se com esta funcionalidade.

Na intervenção do Largo 25 de Abril também se identificou uma estrutura hidráulica, com características idênticas às descobertas no interior da praça-forte. Muito embora se tenha apenas registado um pequeno troço no cruzamento da Estrada com a Travessa da Guerreira (estrutura 26) (Fig. 8), verificou-se que esta servia para drenar as águas acumuladas no fosso para o exterior do sistema defensivo; o orifício interno localizava-se na extremidade do baluarte de São Pedro, ao passo que o externo permitia o escoamento para a encosta que desce para o Cda.

O complexo e denso sistema detectado nestas intervenções arqueológicas, ausente da documentação escrita e cartográfica, é um dado bastante revelador do higienismo moderno e do planeamento urbano e militar da praça-forte, numa linha promovida pela Coroa nos principais aglomerados urbanos portugueses da época. No caso de Almeida procurava-se evitar que, em região de precipitação intensa, se acumulassem águas no interior da estrutura militar, eventualmente perturbadora das acções defensivas que constituíam o cerne das actividades desta vila fronteiriça.

3. O convento de Nossa Senhora do Loreto

Uma parte das estruturas postas a descoberto durante os trabalhos de acompanhamento da renovação da Baixa de Almeida diz respeito ao antigo convento de Nossa Senhora do Loreto. Este compunha-se da igreja, situada a norte, virada para a Rua do Convento, onde se abria um adro; junto à capela-mor, no exterior, situavam-se os celeiros. Um edifício com celas, a leste, e outro com o refeitório e “casas de mantimentos”, a sul, conformavam o claustro, localizando-se a cozinha a oeste. A sudeste erguiam-se mais celas e a “casa das rodas”, em torno de um pequeno pátio de traçado irregular, ficando a portaria a



Fig. 8 – Estrutura 26 localizada na Estrada da Guerreira.

Sul, ladeada também de edifícios. Finalmente, a Este estava a horta e casas para animais, encerradas por pequeno muro, bem como a “casa dos fornos” e as “casas da amassaria”, quase encostadas às muralhas.

O conjunto, tal como a vila, foi particularmente danificado em 1695, em virtude de uma grande tempestade que se abateu sobre a região. Na sequência do cerco e assalto à praça de 1762, as freiras abandonaram a praça cinco anos depois, tendo os edifícios sido aproveitados como hospital militar e quartel de infantaria, com a reconversão das celas em torno do claustro em enfermarias e dos antigos edifícios da portaria, junto ao Terreiro das Freiras, em casernas (Carvalho, 1988, II, pp. 291–315; Conceição, 2002, pp. 67–68, 190–191).

As intervenções junto ao antigo convento permitiram observar uma sucessão stratigráfica idêntica à descrita relativamente aos sistemas de drenagem desta parte da vila, exceptuan-



Fig. 9 – Estruturas 16 e 17, na antiga cerca do convento de Nossa Senhora do Loreto.

do que o estrato inferior se compõe de sedimento argiloso-arenoso castanho-escuro, contendo abundante cerâmica comum e de construção muito fragmentada, pedras de pequena a média dimensão, além de fragmentos osteológicos em avançado estado de degradação, destacando-se um alfinete de cabeça em cobre junto à citada estrutura 8.

Uma das estruturas reveladas diz respeito ao limite norte da cerca do convento (estrutura 10; Fig. 5). Esta unia a cabeceira da Igreja à cortina da fortificação, tendo sido destruída aquando da abertura integral da actual Rua da Muralha, no início do século XIX. Na escavação da vala foi detectado um alinhamento de três grandes blocos paralelepípedicos certamente pertencentes a este muro, podendo verificar-se o seu alinhamento com as marcas de desmantelamento existentes no aparelho do troço da fortificação; sob esta estrutura foi exumado um fragmento de fundo de prato de

faiança, fabricado com pasta amarela clara bem depurada, revestida por esmalte branco pouco espesso, com decoração em azul e vinho, datável de finais do século XVII ou de inícios da centúria seguinte (Fig. 4, n.º 3). Digase que o essencial do paramento Este da cerca do convento confinava com a própria muralha (Conceição, 2002, p. 77).

Outros vestígios evidenciados, tanto na vala correspondente à Rua da Muralha, como no ramal de ligação ao Posto de Transformação 1, a norte do jardim público, corresponderão já às construções existentes no interior da cerca (Fig. 5). Neste último observaram-se duas ocorrências: um conjunto de três silhares aparelhados (estrutura 12); uma área de pavimento de pedras irregulares facetadas exteriormente com enchimento de argamassa, ao mesmo nível de uma camada de sedimento argiloso muito compacto (estrutura 13). Deverão corresponder às celas desenhadas no levantamento do engenheiro Miguel Luís Jacob, de 1766–1768³, isoladas a leste do corpo principal do conjunto que se desenvolve em torno do claustro. Recolheu-se em associação cerâmica comum e vidrada muito fragmentada, além de faiança esmaltada a branco com decoração em azul, de que se destaca um fundo de tigela fabricada com pasta amarela clara bem depurada, com uma linha em azul de cronologia setecentista (Fig. 4, n.º 1). Nesta área foi ainda recuperado um elemento arquitectónico de grande dimensão (0,94 m x 0,56 m x 0,37 cm), correspondente a uma base de coluna do complexo monástico, pela sua decoração e paralelo com idêntico elemento da fachada da Igreja da Misericórdia desta vila, de finais de Seiscentos.

Já na Rua da Muralha detectou-se um muro de silhares de granito, dispostos ora longitudinalmente ora transversalmente, orientado no sentido NE-SO, tendo largura média de 1 m e conservando-se numa extensão total de 17 m (estrutura 16; Fig. 9).

No seu remate Sul encontrava-se um conjunto de pedras, dispostas transversalmente, sendo um dos silhares de forma trapezoidal e com talhe atribuível ao eixo de uma porta, provavelmente reutilizado (estrutura 17). Mais a sul encontravam-se dois muros perpendiculares (es-

³ Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar.

estrutura 18), um alinhado com a estrutura anterior, outro com orientação NO-SE, pertencentes a um canto de compartimento. Eram constituídos por paramentos de pedra afeixoados apenas numa face, com os interstícios preenchidos por pedra miúda, atingindo o primeiro troço 1,1 m e o segundo 0,7 m de largura. O ângulo interno estava revestido por uma calçada de pedra irregular de pequena dimensão ligada por argamassa arenosa com inclusões de tijolo maciço e quartzo, certamente pertencente ao piso do compartimento. Esta estrutura possui uma caleira, coberta com silhares regulares paralelepípedicos dispostos longitudinalmente, também para escoamento de água pluviais, embora aqui em pequena monta (estrutura 18; Fig. 10).

O contexto forneceu escassos materiais, destacando-se um fundo de pequena jarra, fabricada com pasta castanha clara contendo abundantes desengordurantes quartzosos e micáceos de grão fino a médio (Fig. 4, n.º 2), idêntica à de artefactos recolhidos nos níveis modernos do castelo de Almeida (Teixeira, 2008); registou-se também uma bala de mosquete com 1,8 cm de diâmetro, achado frequente no subsolo da vila. Estas estruturas deverão corresponder à secção Sul do antigo complexo monástico, em torno da portaria, reaproveitada para quartel de infantaria em meados do século XVIII. Nos levantamentos efectuados nesta época, nomeadamente no citado de Miguel Luís Jacob, estas construções são designadas como casernas para alojamento da guarnição militar. As representações não são, porém, exactas e a área intervencionada arqueologicamente é assaz limitada.

4. As ruas da praça-forte e as vias de circulação externa

Os trabalhos arqueológicos de acompanhamento nas ruas da vila de Almeida permitiram detectar uma série de pavimentos anteriores ao nível de circulação actual, confirmando uma persistência do urbanismo, já evidenciada pelas fontes escritas e cartográficas, não obstante as sucessivas destruições registadas



Fig. 10 – Estrutura 18, na antiga cerca do convento de Nossa Senhora do Loreto.

na Idade Moderna e em época contemporânea (Conceição, 2002, pp. 82–83). Foi registado apenas um caso de antigas habitações sob a actual Rua da Muralha, a denominada estrutura 5, muro com três fiadas de pedras facetadas de dimensões variáveis, sensivelmente paralelo à cortina (Figs. 2 e 11), correspondente a um quarteirão desaparecido apenas no século XX; este obrigaria a que a circulação se fizesse por uma artéria bem mais estreita que a actual, com cerca de 3 m de largura, junto à muralha. Nas proximidades denominaram-se por estrutura 6 e 7 elementos pétreos desconexos de grande dimensão, ocasionalmente superiores a 1 m de comprimento, correspondentes à destruição destas habitações. Neste contexto recolheram-se escassos materiais cerâmicos, como faianças decoradas a azul e vinioso e exemplares de pasta castanha clara com abundantes desengordurantes quartzosos e micáceos de grão fino a médio, nomeadamente um bordo de grande forma aberta (Fig. 4, n.º 5), semelhante a exemplares dos níveis setecentistas do castelo de Almeida (Teixeira, 2008).

No troço da rua entre o Quartel das Esquadras e o Baluarte de São Pedro, a Sul da praça-forte, foi detectada a estrutura 23, com um aparelho medianamente regular e paramento facetado, desenvolvendo-se em três fiadas de pedra de pequena e média dimensão ligadas por argamassa argilosa acastanhada. Neste caso, deveremos estar face à continuação da rampa que



Fig. 11 – Estrutura 5, vestígios de antigas habitações sob a actual Rua da Muralha.



Fig. 12 – Estrutura 21, na porta interior de São Francisco.

ligava o caminho de ronda do baluarte de São Pedro ao interior do núcleo urbano, cortada para permitir o acesso automóvel na lateral do Quartel das Esquadras.

Entre os antigos pavimentos recuperados sob as ruas actuais da vila destacam-se dois troços, pela sua extensão e relação com a fortificação. Por um lado, a estrutura 21, base do arco pleno da porta interior de São Francisco que se abre para o antigo Terreiro das Freiras, incluindo a soleira primordial constituída por dois blocos paralelepípedicos e o piso de circulação interna da porta, composto por espessa e compacta argamassa arenosa amarela clara

(Fig. 12), denotando em conjunto a ausência de fojos destinados a evitar a progressão inimiga (Quinta, 2008, p. 104); recolheu-se uma bala de canhão no único estrato que a sobrepunha. Por outro lado, a estrutura 19, pavimento de terra batida com inclusões irregulares de quartzo, que se preserva numa extensão de 32 m a partir deste acesso à vila e percorrendo para Norte a actual Rua da Muralha.

As intervenções arqueológicas conduziram também à localização de troços da via meridional de acesso à fortificação. Na ponte que atravessa o fosso entre as portas exterior e interior de São Francisco observou-se um alinhamento descontinuo de pedras rectangulares, 1,15 m abaixo do nível de circulação actual (estrutura 20), que corresponderia ao piso primordial de finais de Oitocentos, quando o velho atravessamento em madeira foi substituído pelo actual em pedra (Quinta, 2008, p. 101).

Já no Largo 25 de Abril puseram-se à vista, nas várias valas abertas, troços de calçada. Destaque-se particularmente um segmento em seixos de rio ladeado por blocos de granito, preservado em 11,4 m de comprimento e 0,55 m de largura com orientação NE/SO, com degrau e valeta para escoamento das águas pluviais (estrutura 25). Juntamente com lanços identificados mais a Sul, sob a Estrada da Guerreira (estrutura 27), integrava o antigo “caminho da calçada”, desenhado já no século XVIII como principal acesso à primitiva ponte do Côa, que substituiu o velho atravessamento medieval com uma barca, ainda evocado na toponímia local. Note-se que uma das razões para a importância de Almeida nesta época reside precisamente na passagem de uma importante via militar, capaz para o transporte de artilharia, um dos poucos eixos viários que no século XVIII permitiam boa circulação entre as capitais ibéricas, passando por Coimbra, Viseu, Almeida e Ciudad Rodrigo (Quinta, 2008, pp. 26, 91–98). Nas imediações foi recolhido, em estrato superficial, um fragmento de bomba em ferro fundido, de forma globular, com 0,40 m de diâmetro e 0,04 m de espessura, preservando-se ainda o respectivo ouvido, idêntica a tantas outras que têm sido identificadas nas intervenções arqueológicas do castelo e um pouco por toda

a vila (Fig. 13). Testemunho da última etapa da história militar da praça-forte, aquando da terceira invasão francesa de 1810, podia ser disparada por obuses e morteiros (Amorim, 2009, p. 14).

Finalmente, foi reconhecido um troço de calçada com funcionalidade distinta das demais sob a referida ponte de comunicação entre as portas interior e exterior de São Francisco. Era constituída por blocos irregulares de quartzo, delimitados lateralmente por lajes de granito, preservando-se integralmente numa extensão de 5 m para NE no trajecto do fosso (num comprimento total de 36,2 m), em direcção à rampa de saída junto ao revelim da Cruz (estrutura 24; Fig. 14). Este achado poderá interpretar-se como um vestígio do acesso à porta interior estabelecido após a destruição da ponte de madeira aquando da terceira invasão francesa, que obrigou ao calcetamento de um caminho através do fosso e construção de uma rampa em alvenaria para acesso à porta interior, cujas marcas são ainda hoje visíveis (Quinta, 2008, p. 107; Campos, 2009, p. 228).

Conclusão

As intervenções de minimização de impacte de obras camarárias na vila de Almeida, realizadas entre 2007 e 2012, permitiram detectar vestígios de estruturas enquadráveis nos séculos XVII a XIX. O carácter dos trabalhos arqueológicos impediu a obtenção de extensos e bem preservados contextos, cingindo-se muitas vezes a área de observação ao próprio traçado das valas. Ainda assim, procurou-se fazer uma aproximação à forma e funcionalidade dos elementos detectados, integrando-os na intensa história militar desta praça de guerra.

Um dos aspectos revelados reporta-se à preocupação pela drenagem de águas pluviais para o exterior do recinto muralhado, a fim de evitar os incómodos que seriam causados pela sua acumulação no interior, em zona de precipitação assinalável. Recorrente parece ter sido a associação desta rede aos dejectos urbanos, lançados no fosso e, posteriormente, nas encos-



Fig. 13 – Bomba exumada no Largo 25 de Abril.



Fig. 14 – Estrutura 24, calçada sob a ponte das Portas de São Francisco.

tas contíguas. A densidade dos caneiros encontrados, geralmente alinhados com os principais arruamentos e presentes nas construções militares, evidencia o carácter planeado e prioritário atribuído a este aspecto da estruturação da praça-forte.

Os trabalhos possibilitaram, igualmente, a obtenção de dados relativamente a um dos equipamentos mais volumosos da vila durante esta época, o convento das freiras de Nossa Senhora do Loreto, convertido em hospital e quartel na segunda metade de Setecentos.

Além de se ter reconhecido a mesma preocupação com o saneamento do complexo, registaram-se segmentos de estruturas na cerca conventual, confrontáveis com a cartografia antiga.

Finalmente, num ou noutro ponto foi possível uma aproximação ao próprio desenho urbano, confirmando traçados de ruas em nível inferior

ao actual, detectando pontualmente restos de antigos quarteirões ou de elementos da fortificação desaparecidos. Já no exterior do perímetro muralhado avultaram fragmentos da antiga estrada real que, depois de ultrapassar o Côa a poente e de se abeirar das Portas de São Francisco desta vila, conduzia em escassas léguas à secular raia luso-castelhana.

Bibliografia citada

AMORIM, Paulo (2009) - A artilharia e a arquitectura na praça de Almeida no início do século XIX: inventários, noções e termos comparativos. CEAMA. *Centro de Estudos de Arquitectura Militar de Almeida*. Almeida. 3, pp. 9–22.

CAMPOS, João (2009) - As portas da praça-forte. In *Almeida. Candidatura das Fortificações Abaluartadas da Raia Luso-Espanhola a Património Mundial Unesco / Candidacy of the Bulwarked Fortifications of the Portuguese Spanish "Raia" (Border Line) as World Heritage Unesco*. Almeida: Câmara Municipal, pp. 213–271.

CARVALHO, José Vilhena de (1988) - *Almeida: subsídios para a sua história*. 2.ª edição. Almeida: Câmara Municipal.

CONCEIÇÃO, Margarida Tavares da (2002) - *Da vila cercada à praça de guerra: formação do espaço urbano em Almeida, séculos XVI–XVIII*. Lisboa: Livros Horizonte.

COSTA, Teresa; CRUZ, Cristina; LOPES, Gonçalo; BRAZ, Ana (2012) - Fragmentos de vida e morte da Idade Moderna no centro histórico de Elvas. In TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José, eds. - *Velhos e novos mundos. Estudos de arqueologia moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, vol. I, pp. 189–200.

MASCARENHAS, José Manuel P. B. de; ABECASSIS, Maria Helena; JORGE, Virgolino Ferreira, eds. (1993) - *Actas do Simpósio Internacional Hidráulica monástica medieval e moderna: Convento da Arrábida, 15–17 de Novembro de 1993*. Lisboa: Fundação Oriente.

QUINTA, Ana Luísa (2008) - *A fortaleza de Almeida: uma perspectiva arquitectónica*. Almeida: Câmara Municipal.

ROSSA, Walter (1995) - A cidade portuguesa. In PEREIRA, Paulo, ed. - *História da arte portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, III, pp. 233–323.

TEIXEIRA, André (2008) - Sondagens arqueológicas no castelo de Almeida e envolvente: síntese de resultados (2007). CEAMA. *Centro de Estudos de Arquitectura Militar de Almeida*. Almeida. 2, pp. 44–55.